

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística”

para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os

últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apolo-gético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber. Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

AS HOMILIAS ORIGENIANAS AO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

HERES DRIAN DE O. FREITAS

Na literatura patrística, o *Pastor de Hermas*, pelo ano 150, talvez seja a primeira sugestão da imagem da Igreja como esposa,¹ que o Pseudo-Clemente, contemporaneamente ou pouquíssimo depois, associa à encarnação de Cristo.² Não tardou e não foi difícil para que a imagem das núpcias entre Cristo e a Igreja se consolidasse:³ há, na literatura profética, descrições da relação entre Deus e Israel em termos nupciais⁴ e, na

¹ Embora se afirme que a tipologia esposa-Igreja e esposo-Cristo tenha sido inaugurada, ou explicitada, por Hipólito (cf. P. MELONI, “Cântico dos Cânticos”, DPAC, 252-3, p. 252; e O. ROUSSEAU, ed., *Origène. Homélies sur le Cantique des Cantiques*, SC 37, 1953, 16), C. CHAVASSE, *The Bride of Christ: An Enquiry into the Nuptial Element in Early Christianity*, Londres: Faber & Faber, 1940, p. 110-5, a vê “esboçada” no *Pastor de Hermas* (cf. *Visões* 1,2.4 e 2,4 [PatrPaulus 1, 2002³, 172ss]). A bibliografia utilizada para esta introdução consta nas notas. Nas obras consultadas, o leitor encontrará ulterior indicação bibliográfica.

² *2Clem.* 14,2-3.

³ Para detalhes, veja-se C. CHAVASSE, *op. cit.* Vejam-se também as sínteses do uso neotestamentário e patrístico do *Cântico dos Cânticos* e da leitura Cristo-esposo e Igreja-esposa indicadas abaixo, ao final da n. 5.

⁴ Cf., por exemplo, Is 62,5; 49,18; Os 1-3; Jr 2,1-3. É possível que o *Cântico dos Cânticos* tenha passado a fazer parte da literatura sacra após a fixação dessa imagem nupcial na tradição de Israel (cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, 12; veja-se também indicações abaixo, notas 5 e 13).

sua esteira, o Novo Testamento, tendo-se apropriado dessa descrição, reinterpreta-a escatologicamente,⁵ particularmente porque Cristo mesmo se apresenta como esposo, cuja presença inaugura os tempos messiânicos,⁶ que a esposa reconhece como quem amorosamente dá a vida por ela.⁷

No início do séc. III, os Padres consideram imagem e linguagem nupciais para tratar de Cristo e da Igreja algo já convencional.⁸ A leitura eclesiológica havia-se fixado. Mas, nesse mesmo período, Orígenes⁹ dá um passo além: o matrimônio místico não se dá somente entre Cristo e a Igreja, dá-se também entre Cristo e a alma individual, pois, nas palavras de H. Crouzel, “porque a Igreja é esposa, as almas que a compõem podem ser esposas de Cristo, e quanto mais estas últimas progridem nesta sua qualidade

⁵ Cf., por exemplo, Mt 22,1-14; 25,1-13; Ap 19,7 e 21,2. Mais tarde – embora talvez com base numa tradição exegética mais antiga (R. LE DÉAUT, “Targum”, em DPAC, 1323; ver também *Id.* “Midrax”, *ibid.*, 934) –, também o Targum lerá no *Cântico dos Cânticos* o itinerário de eleição e salvação de Israel por parte de Deus como matrimônio a cumprir-se nos tempos messiânicos (cf. G. SGHERI, *Chiesa e sinagoga nelle opere di Origene*, Milano: Vita e Pensiero [Studia Patristica Mediolanensia 13], 1982, 336ss). Sobre a leitura do *Cântico dos Cânticos* entre os judeus, vejam-se as sínteses de O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 10-13; e M. SIMONETTI (a cura di), *Origene. Omelie sul Cantico dei Cantici*, Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Mondadori [Scrittori greci e latini], 2010³, p. IX-XIII, e, como sínteses do uso neotestamentário do referido texto sacro e da tipologia matrimonial no cristianismo primitivo, nestas duas últimas obras, respectivamente, p. 13-17, e p. XIII-XV, além de C. CHAVASSE, *op. cit.*

⁶ Cf. Mt 9,14-15.

⁷ Cf. Ef 5,21-33.

⁸ Cf. C. CHAVASSE, *op. cit.*, p. 110-34.

⁹ Sobre a figura de Orígenes, vejam-se B. S. SANTOS, “Perfil da personalidade de Orígenes”, em *PatrPaulus* 30, 2012, 10-2; e L. C. L. CARPINETTI, “Orígenes”, em *PatrPaulus* 34, 2016, 9-12.

mais a Igreja nelas progride”.¹⁰ A alma do fiel, então, não é pensada separada da Igreja.¹¹

Não é difícil compreender a razão do uso do motivo nupcial para tratar da relação da alma humana com Cristo: as metáforas amorosas da linguagem matrimonial exprimem o amor religioso, ou místico, enquanto este último serve-se da linguagem mística – como, por exemplo, no caso do verbo adorar, que seria reservado ao culto à divindade –, para descrever o efeito sublime do amor; pois, mesmo que o amor humano seja ambíguo, o homem conhece única e somente o amor como desejo e dom, como duplo movimento de atração e de autoentrega; daí o emprego da linguagem do amor humano para tratar do amor divino – o único, aliás, a satisfazer, sem decepção, o desejo do amante humano:¹² ela é suficiente, considerando-se as limitações descritivas do âmbito da experiência mística, para ilustrar como o amor seja potência unificadora e transformadora.

Sob tal perspectiva, é igualmente fácil compreender como um texto do gênero do *Cântico dos Cânticos*, “onde não existe nenhuma menção ao povo de Israel, onde nenhuma lição moral ou sapiencial é apresentada e onde o nome de

¹⁰ H. CROUZEL, “Le Christ sauveur selon Origène”, *Studia Missionalia* 30 (1981) 63-88, p. 83, tradução nossa. Veja-se, também, acerca da relação Cristo-alma humana, mais sinteticamente, porém, M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xvii. Uma interpretação mais próxima a nós lerá Maria na esposa do *Cântico dos Cânticos* (cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 8). Acerca da identificação da esposa com a alma do fiel, o primeiro, precisamente, a fazê-la, mas de modo muito pontual, fora TERTULIANO, *Ad uxorem* 1,4,4; *De resurrectione* 61,6; *De virginibus velandis* 16,4. O foco origeniano na relação nupcial entre a alma e o Verbo pode ser oposição a uma semelhante interpretação gnóstica (valentiniana); cf. a esse respeito S. F. EYZAGUIRRE, *Orígenes. Homilias sobre el Cantar de los Cantares*, Madrid: Ciudad Nueva [Biblioteca de Patristica 51], 2000, p. 11-5 e 20-1.

¹¹ Cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 16.

¹² Cf. H. CROUZEL, “Le thème du mariage mystique chez Origène et ses sources”, *Studia Missionalia* 26 (1977) 37-57.

Deus não é invocado uma só vez, e que, por outro lado, retrata, em toda sua intensidade, a atração sexual recíproca entre um homem e uma mulher, possa ter sido considerado como uma palavra divina endereçada aos homens”.¹³

Embora Hipólito tenha precedido Orígenes e composto o primeiro comentário patrístico ao *Cântico dos Cânticos*,¹⁴ sua interpretação – fundamentalmente tipológica – não colhe misticamente, como a de Orígenes, a intensidade que se acaba de reportar, transpondo-a da atração sexual à relação amorosa religiosa. É este último, por isso, a influenciar, se não toda, grande parte da releitura patrística e medieval do *Cântico dos Cânticos*.¹⁵

A leitura origeniana do motivo matrimonial no *Cântico dos Cânticos* funda-se na primazia do amor – chave de leitura de questões várias da fé e da moral cristãs –, presente a Orí-

¹³ G. H. CAVALCANTI, *O Cântico dos Cânticos. Um ensaio de interpretação através de suas traduções*, São Paulo: Edusp, 2005, p. 37, que, na verdade, apresenta o texto citado como interrogação. Parece certo, todavia, que a obra entrou no Cânone escriturístico não sem alguma dificuldade (cf. M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. x; veja-se também O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 10-1, n. 3), já que o texto, à primeira vista, não se mostra como obra sacra. Acerca do *Cântico dos Cânticos* na literatura sacra, cf. também indicação acima, n. 5.

¹⁴ Temos notícia de outros comentários patrísticos ao *Cântico dos Cânticos* por obra de Filón de Carpásia, Nilo de Ancira, Teodoreto de Ciro, Teodoro de Mopsuéstia, Vitorino de Petau, Retício de Autun, Gregório de Elvira, Apônio e Justo de Urgel; enquanto uns se perderam, outros chegaram até nós apenas fragmentariamente; cf. P. MELONI, *art. cit.*, DPAC, 252-3. G.H. CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 121, ignora a informação sobre Hipólito e afirma ser Orígenes o primeiro comentador cristão do *Cântico dos Cânticos*. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 17, também o afirmara, sugerindo que isso se deve ao fato de o comentário de Hipólito ter estado desaparecido até recentemente – desaparecimento que, portanto, teria acontecido imediatamente após sua composição.

¹⁵ Cf. L. BRESSARD e H. CROUZEL (ed.), *Origène. Commentaire sur le Cantique des cantiques*, vol. 1, SC 375, 1991, 54-68; e M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xx-xxiv. Para as diversas interpretações do *Cântico dos Cânticos* ao longo dos séculos, veja-se G.H. CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 47-96 e, sobre sua influência em diversos domínios, *ibid.*, p. 121-91.

genes desde o início de sua atividade exegética e que culmina no *Comentário* e nas *Homilias* ao *Cântico dos Cânticos*¹⁶ – doravante, respectivamente, *Com. Ct.* e *Hom. Ct.* –, obra a que já se dedicara em sua juventude, mas cujos resultados não chegaram até nós senão de modo extremamente fragmentário.¹⁷ Mesmo se consideravelmente substanciosos, homilias e comentário também são incompletos:¹⁸ o *Com. Ct.* o é porque Rufino fez “simplificações”¹⁹ na última obra que se dedicou a traduzir e que não concluiu talvez devido ao sobrevir de sua morte;²⁰ as *Hom. Ct.* o são porque seu pregador não abordou o texto completo do *Cântico dos Cânticos*. Por quê? É improvável que, embora tenha influenciado o andamento das homilias,²¹ o tempo à disposição seja a resposta única e definitiva.

¹⁶ J. CHRISTOPHER KING, *Origene on the Song of Songs as the Spirit of Scripture: The Bridegroom's Perfect Marriage-Song*, Oxford, 2009², 3-4. Para mais a respeito do amor no *Comentário ao Cântico*, veja-se também, abaixo, J. LUPÍ, “Introdução”, 82-6.

¹⁷ Cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 8; M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xv; e J. CHRISTOPHER KING, *op. cit.*, p. 6-9, particularmente, 6-7 e n. 24.

¹⁸ Mesmo se tal afirmação não se aplica de todo às homilias, como se verá em seguida, p. 14.

¹⁹ Cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 9; e M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xvii. J. CHRISTOPHER KING, *op. cit.*, p. 13, porém, sem mais, afirma não haver motivo para supor que a tradução de Rufino não seja fiel. Estando, entretanto, a informação reportada por Jerônimo no Prólogo de sua tradução das homilias (cf., abaixo, p. 21), o comentário origeniano ao *Cântico dos Cânticos* conteria abundante informação de caráter, digamos, técnico-filológico, já que seu autor teria comentado a obra tendo presente as variações textuais das versões de que dispunha. Ademais, Rufino mesmo reconhece ter feito simplificações, eliminando o que lhe parecia repetitivo; cf. *De principiis* Prol.,3 e 3,Praef. (PatrPaulus 30, 2012, 47-8 e 207-8).

²⁰ Cf. L. BRESSARD e H. CROUZEL, *op. cit.*, p. 13-4. Rufino traduz o *Com. Ct.* origeniano por volta de 410, pelo fim de sua vida. Se tivesse tido tempo para concluir a tradução, mesmo com a eliminação de seus elementos mais técnicos (cf. nota imediatamente precedente), teríamos uma obra maior e o comentário completo ao texto sacro.

²¹ Para M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xxix e sua n. 1, por questão de tempo, Orígenes dedicou-se, na primeira homilia, a comentar somente dez versículos do texto sacro (porque delongou-se em expor a respeito da importância do *Cântico dos Cânticos* como corolário de um itinerário), enquanto na segunda, tendo somente o texto a comentar, a vinte.

Com efeito, a diferença das dimensões das duas homilias não é tão significativa – e Orígenes parece ter pregado, de fato, somente duas homilias sobre o *Cântico dos Cânticos*, isto é, nada do texto se perdeu –, de modo que o tempo disponível para ambas seria o mesmo, ou semelhante, e previamente estabelecido, provavelmente.²² Isso não explica, porém, por que não realizou outras homilias para completar a exposição do *Cântico dos Cânticos*. E se Orígenes não pretendesse – não naquele momento²³ – comentá-lo por completo? De fato, não há qualquer elemento no texto que nos permita supor que o pretendesse. Além disso, sugeriu-se que, mesmo se não abordam todo o livreto sacro, ambas possuam certa unidade e organicidade: tendo apresentado o necessário para a compreensão espiritual-alegórica da obra, Orígenes detém-se em um ciclo de somente duas homilias, sem voltar de novo e de novo a sua linguagem erótica e tema único.²⁴

Se essas considerações estiverem certas, podemos, então, sintetizá-las assim: Orígenes mesmo se propusera pregar duas homilias sobre o *Cântico dos Cânticos*; tendo-se delongado, na primeira, ao comentar sobre a importância do texto sacro e tratar de uns poucos versículos, apressa-se em comentar mais versículos na segunda, mas de modo a realizar o que teria determinado, isto é, tratar em duas homilias, no tempo preestabelecido, não de toda a obra, mas somente daquilo que fosse necessário para sua compreensão espiritual.

²² Cf. M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xxvi.

²³ Mas é possível que – admitindo-se que não o tivesse já feito – se pusesse a fazê-lo mais tarde; cf. considerações a respeito abaixo, p. 19-20.

²⁴ Cf. M. SIMONETTI, *op. cit.*, p. xxvi-xxvii. A hipótese levantada por M. Simonetti é corroborada pelo fato de as homilias terem certo caráter propedêutico: trata-se – ver-se-á abaixo – de exposição para iniciantes no percurso da fé.

Orígenes começa explicando que o *Cântico dos Cânticos* é o ponto alto de um itinerário espiritual com diversas etapas e que o referido texto sacro, portanto, não deve ser lido carnalmente, isto é literalmente.²⁵ É improvável, como se poderia argumentar, que se trata de desconsiderar o elemento erótico do texto. É muito mais lógico considerar Orígenes em sintonia com a escola exegética alexandrina, para a qual o significado da Escritura não se mostra em sua letra, isto é, no significado imediato do texto; só o perseverante, pio e preparado pode chegar a seu significado verdadeiro, profundo, oculto sob a letra do texto,²⁶ passando do fenomênico à realidade espiritual.²⁷ Sob tal prisma, o amor divino torna-se meta atingível mediante um modo específico de vida. Assim, não surpreende que Orígenes exorte insistentemente quanto à necessidade de se progredir no referido itinerário.

Ainda na proposição das premissas iniciais de aproximação do texto sacro, o autor identifica quais são os personagens do drama, personagens hierarquicamente dispostos.²⁸ Essa caracterização da obra e apresentação dos personagens resulta da leitura literal do texto. A partir daí se tem a interpretação místico-alegórica que lê na esposa ora a alma do fiel,²⁹ ora a Igreja,³⁰ ora ambas,³¹ mas de modo a

²⁵ Cf. *Hom. Ct.* 1,1.

²⁶ Cf. M. SIMONETTI, *Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla storia dell'esegesi patristica*, Roma: Institutum Patristicum Augustinianum [Studia Ephemeridis Augustinianum 23], 1985, 65-88; e *Id.*, *Origene...*, p. XXVI.

²⁷ Cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. XVI. Essa passagem, ascendente, embora tenha, em Orígenes, algo de fundo platônico, é fundamentalmente escriturística; e isso vale também para as distinções entre sentido corporal e espiritual, homem interior e exterior; cf. O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 18-30.

²⁸ *Hom. Ct.* 1,1.

²⁹ *Hom. Ct.* 1,1; 1,6; 2,10.

³⁰ *Hom. Ct.* 1,1; 1,6; 2,3; 2,10.

³¹ *Hom. Ct.* 1,7; 1,10.

privilegiar a relação eclesial e individual, na qual cada um é convidado a considerar sua própria situação e a progredir, como alma eclesiástica,³² na união com o Cristo.

Mas esse progresso não se dá simplesmente na passagem ascendente de um personagem a outro até o ponto alto da hierarquia – o esposo –, pois a própria esposa precisa de purificação.³³ Com efeito, devido à instabilidade com que se vivem as provações deste mundo,³⁴ a esposa pode se distanciar do esposo.³⁵ Assim, as jovens, que se encontram atrás da esposa,³⁶ quando chegarem a amar como a esposa,³⁷ não terão a garantia de estar unidas ao esposo de modo necessariamente estável. Além disso, o próprio esposo, embora se manifeste de múltiplas formas,³⁸ não se faz presente de modo completamente apreensível: não se pode detê-lo, ainda que sua revelação estimule a se desejá-lo mais e mais.³⁹

Não basta, então, o primeiro passo – embora fundamental e necessário –, isto é, abandonar o pecado,⁴⁰ as sombras da morte,⁴¹ e encaminhar-se das realidades ruins às boas; é preciso dirigir-se das realidades externas às espirituais⁴² e passar de coisas boas a melhores: há sempre uma realidade mais elevada, uma felicidade superior, por ser alcançada.⁴³

³² Cf. *Hom. Ct.* 1,6 (onde *da Igreja é ecclesiastice*, no original latino); 1,10.

³³ *Hom. Ct.* 1,1; 1,6; 1,9; 1,10; 2,2; 2,4; 2,10; 2,12.

³⁴ *Hom. Ct.* 2,3.

³⁵ *Hom. Ct.* 1,8; 1,9.

³⁶ *Hom. Ct.* 1,5.

³⁷ *Hom. Ct.* 1,5; cf. 2,9.

³⁸ Cf. *Hom. Ct.* 2,3; 2,6; 2,9. Cf. ainda, sobre as várias manifestações do Verbo, *Contra Celsum* 2,64 [PatrPaulus 20, 2004, 185-6].

³⁹ *Hom. Ct.* 1,7.

⁴⁰ *Hom. Ct.* 1,2; 2,2.

⁴¹ *Hom. Ct.* 2,6.

⁴² *Hom. Ct.* 1,1; 2,3.

⁴³ Cf. *Hom. Ct.* 1,1; cf. 2,1; 2,6.

E se a própria esposa pode precisar de purificação, quanto mais as jovens, que precisam despertar em si o amor,⁴⁴ que não acompanham⁴⁵ ou não ouvem⁴⁶ o esposo, mas estão nas graças da esposa,⁴⁷ mesmo que estejam ausentes e não a ouvem.⁴⁸ A esposa, contudo, por toda parte continua a exortar ao encontro com o Verbo,⁴⁹ pois quem é digno de contemplar aqui estavelmente a majestade divina,⁵⁰ ou de poder dizer ter um amor ordenado?⁵¹ A ascensão, o progresso espiritual, cujo fim é a união com o Verbo, exige a constante geração do Cristo no interior do fiel.⁵²

Com efeito, o ponto comum das duas homilias – que não se desenvolvem como as homilias a que o leitor contemporâneo está acostumado⁵³ – está na ascensão espiritual e

⁴⁴ *Hom. Ct.* 2,9.

⁴⁵ *Hom. Ct.* 1,5; cf. 1,6; 2,7.

⁴⁶ *Hom. Ct.* 1,5; 2,7.

⁴⁷ *Hom. Ct.* 1,1

⁴⁸ *Hom. Ct.* 1,5; 2,13.

⁴⁹ Cf. *Hom. Ct.* 1,6; 1,7; 2,8; 2,9; 2,10; 2,13.

⁵⁰ Cf. *Hom. Ct.* 1,8.

⁵¹ *Hom. Ct.* 2,8.

⁵² Cf. *Hom. Ct.* 2,6.

⁵³ Orígenes simplesmente cita o texto sacro e o comenta em breves unidades quase independentes, sem rigorosa conexão entre si (cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. XXVII) e sem fixar-se em cada detalhe (cf. *Ibid.*, p. XXIX-XXX). Entretanto, há quem considere essa não rigorosa conexão entre as unidades comentadas como indicadoras de saltos de Jerônimo (cf., abaixo, p. 18, n. 63). Não é impossível, contudo, que o salto, admitindo-se que tenha havido, tenha sido do estenógrafo. Mais provável, ainda, é que no calor da improvisação das homilias, o próprio Orígenes pode ter passado de um elemento a outro sem os conectar com precisão. Há elementos no texto que, mais que saltos do tradutor propriamente – Jerônimo – ou do estenógrafo, apontam para sua improvisação: 1,2 (n. 26 e 31); 1,6 (n. 118 e 124); 2,2 (n. 20 e 22); 2,3 (n. 65); 2,6 (n. 108); 2,8 (n. 134); 2,13 (n. 208). Não é impossível imaginar Orígenes com o livro do *Cântico* diante de si (cf. 2,11), mas a falar sem olhar todo o tempo para o texto. Ao parecer, portanto, de quem subscreve esta introdução, contra R. P. LAWSON, *Origenes. The Song of Songs: Commentary and Homilies*, Nova York: Newman [Ancient Christian Writers 26], 1956, 17, é improvável que Orígenes mesmo tenha redigido as homilias.

na unidade entre Antigo e Novo Testamentos. Tal unidade tem seu eixo em Cristo, em quem as profecias e símbolos veterotestamentários têm realização e a quem a alma humana deseja unir-se,⁵⁴ graças ao fato de ele ter-se humilhado vindo à humanidade⁵⁵ para salvá-la⁵⁶ com sua paixão;⁵⁷ que difunde o perfume de seu Espírito e sua luz,⁵⁸ que se une à Igreja para ungi-la e fazê-la viver dele.⁵⁹

O Verbo-esposo, então, centro das homilias, é de onde parte a vida e a beleza da esposa.⁶⁰ Simultaneamente, o Verbo é também para onde se dirige a esposa, é por quem ela é atraída. Essa relação de amor, de atração e dom, exige, porém, certa correspondência da amada, manifesta, nas homilias, no configurar-se progressivo da esposa ao esposo, em quem ela deve reconhecer-se.⁶¹

As homilias são, portanto, profundamente parenéticas. Não há as considerações filológicas que haveria no *Com. Ct.* – se Rufino as tivesse mantido⁶² –, ainda que Orígenes pareça ter sido tentado a fazê-las.⁶³ Essa exortação geral, isto é, a que cada um considere sua própria situação,⁶⁴ e a ausência das considerações filológicas podem ser indicadores do público a que Orígenes se dirigia: um auditório vasto, heterogêneo, diferente do seletor público avançado

⁵⁴ Cf. *Hom. Ct.* 1,2; 1,4; 1,10; 2,2.

⁵⁵ Cf. *Hom. Ct.* 2,3.

⁵⁶ Cf. *Hom. Ct.* 2,12

⁵⁷ Cf. *Hom. Ct.* 2,2.

⁵⁸ Cf. *Hom. Ct.* 1,1; 2,3.

⁵⁹ Cf. *Hom. Ct.* 1,4; 2,6.

⁶⁰ *Hom. Ct.* 2,4.

⁶¹ Cf. *Hom. Ct.* 1,9.

⁶² Cf. acima p. 13.

⁶³ Cf. *Hom. Ct.* 1,6; 2,8.

⁶⁴ Cf. *Hom. Ct.* 1,9; 1,10; 2,4; 2,8.

da escola;⁶⁵ um auditório de catecúmenos,⁶⁶ de iniciantes, portanto, e de modesto nível cultural.⁶⁷

Por fim, quem teve contato com a publicação em um só volume com as *Hom. Ct.* e o *Com. Ct.* origenianos, como a de R. Lawson,⁶⁸ ou mesmo quem já deparou com os referidos textos em distintas edições, talvez se tenha dado conta de que propomos uma ordem distinta das referidas obras.

Normalmente, de fato, o *Com. Ct.* é datado anteriormente às homilias: essas teriam tido lugar por volta de 245; aquele, por volta de 240. R. Lawson, L. Bressard e H. Crouzel, O. Rousseau, M. Simonetti provavelmente seguem uma informação de Eusébio⁶⁹ para situar o comentário antes das homilias, nos períodos que se acaba de indicar.

Aqui, ao propor as homilias antes do comentário, consideramos a recente contestação de J. Christopher King⁷⁰

⁶⁵ Cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. xxvi; e, igualmente, O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 36-9.

⁶⁶ *Hom. Ct.* 2,7. M. I. DANIELI, *op. cit.*, p. 13, considera que se possa tratar não só de catecumenato oficial, mas também espiritual, isto é, de iniciantes de modo geral, que não necessariamente estivessem por ser batizados.

⁶⁷ Cf. M. SIMONETTI, *Origene...*, p. 116-7, n. 3,1.

⁶⁸ *Op. cit.*

⁶⁹ *Historia Ecclesiastica* 6,36,1 [PatrPaulus 15, 2000, 321]. L. BRESSARD e H. CROUZEL (ed.), *op. cit.* p. 10-1, referem tal informação; O. ROUSSEAU, *op. cit.*, p. 8-9; R. LAWSON, *op. cit.*, p. 17; e M. SIMONETTI, *Origene...*, p. xv, situam o comentário origeniano em 240, e as homilias em 244-245.

⁷⁰ *Op. cit.*, p. 9-11, particularmente as p. 10-1. A partir do texto de Eusébio e de literatura secundária, Christopher King aponta, com dois argumentos, que Eusébio não pode ter-se referido às homilias origenianas, porque as *preleções públicas* – isto é, em público e, portanto, para um auditório geral – de que este último fala dizem respeito a discussões, não a homilias. Essas não eram públicas, mas destinadas a um auditório específico. Além disso, aduz, em *Com. Ct.*, Orígenes cita as homilias a Juizes e Números, que fechariam o ciclo de homilias veterotestamentárias de Orígenes, ciclo iniciado com pregações sobre a literatura sapiencial, na qual se encontra, obviamente, o *Cântico dos Cânticos* (*ibid.*, p. 11, n. 39; estabelecida a datação das referidas obras, o autor dedica-se exclusivamente à análise do *Com.*